

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0015554

F
92
R786

PAULO E. DE BERRÊDO CARNEIRO

ROQUETTE-PINTO

RIO DE JANEIRO — 1957

F 923.7
P659yc

PAULO E. DE BERRÊDO CARNEIRO

ROQUETTE-PINTO

923.7
P659YC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO

REPUBLICA DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA

N.º DE FOLHA	DATA
F59	19/8/58

ROQUETTE-PINTO

DISTINGUEM-SE os espíritos superiores pelo prestígio que têm de imprimir às suas obras a marca das aspirações sociais e morais do seu tempo; de lhes transmitir a vibração interior da sua imaginação e dos seus sentimentos; de lhes insuflar a magia do seu poder criador. Roquette-Pinto foi, entre nós, um desses grandes predestinados. Insenso, pela universalidade do seu pensamento, a todo particularismo intelectual, realizou êle no Brasil um admirável trabalho de síntese, em quarenta anos de pesquisas e interpretações de natureza científica, histórica, filosófica e literária.

Afeito, pela sua formação, ao rigor e aos requisitos do determinismo científico, nunca dêle se apartou o ilustre sábio. Tôda a sua obra reflete essa posição filosófica, por êle claramente definida na profissão de fé que publicou, em 1935, na Revista da Academia Brasileira de

Letras. Vale recordar aqui, em seu próprio texto, êsse inestimável documento.

“Creio que o homem e a natureza são exclusivamente governados por leis imutáveis, superiores a quaisquer vontades;

“Creio que a ciência, integrando o homem no universo, criou em sua mentalidade, ao mesmo tempo, uma infinita modéstia e uma sublime simpatia para com todos os sêres;

“Creio que a ciência mostrando ao homem como o ódio e o amor são condicionados pelas reações do seu cérebro, deu-lhe a posse de si mesmo, permitindo que êle se transforme e se aperfeiçoe à custa das suas próprias fôrças;

“Creio que a ciência, a arte e a indústria hão de transformar a terra no Paraíso, que os nossos avós colocavam... no outro mundo;

“Creio que, ao lado das grandes fôrças egoístas que vivem no coração dos homens, jazem ali tesouros imensos de altruísmo e fraternidade que a vida em comum há de fazer desabrochar cada vez mais;

“Creio nas leis da Sociologia positiva e por isso creio no advento do Proletariado conforme foi definido por Augusto Comte, que nêle via

uma sementeira dos melhores tipos, “realmente dignos de elevação política”;

“Creio, por isso, que a nobre missão dos intelectuais — mormente professôres — é o ensino e a cultura dos Proletários, preparando-os para quando chegar a sua hora;

“Creio que sendo muito difícil conciliar os interêsses da Ordem com os do Progresso, muitas vêzes antagônicos, só existe um meio de evitar perturbação e desgraças: — resolver tudo à luz do altruísmo e, principalmente, da fraternidade;

“Creio que a ordem material deve ser mantida, mormente no interêsse das mulheres, que são a melhor parte de tôdas as pátrias, e das crianças, que são a pátria do futuro;

“Creio que no estado de inquietação do Mundo Moderno só há um meio de manter a ordem material; é garantir a mais ampla, absoluta e definitiva liberdade espiritual;

“Creio cegamente no postulado de Fritz Muller: O pensamento deve ser livre como a respiração”.

A influência preponderante que teve a filosofia positiva sôbre o pensamento de Roquette-Pinto transparece, claramente, nesse depoi-

mento, e se fêz sentir em todos os seus trabalhos, já pelo espírito de conjunto que nêles domina e orienta as investigações especializadas, já pela preeminência constante dos objetivos morais sôbre as questões de ordem puramente intelectual ou prática.

Essa primazia do humano tomou em sua obra a feição particular à sua terra e à sua gente fazendo do Brasil e dos seus problemas o "leit-motif" de todos os seus trabalhos e a fonte perene das suas melhores inspirações. Atesta-o, de modo inequívoco, a declaração que fêz, em solene festividade, do Instituto Nacional de Cinema Educativo:

"Durante mais de trinta anos de minha modesta vida de naturalista e professor dediquei o meu entusiasmo ao estudo da raça, da gente, dos tipos do Brasil. E quando os dados objetivos da ciência, livres de qualquer influência sentimental, me convenceram de que os problemas humanos não derivam, no Brasil, de influências nocivas de cruzamentos ou atavismos biológicos e são exclusivamente questões de meio, de herança social e de cultura — voltei-me apaixonadamente para tudo quanto pudessem elevar, no plano físico e moral, os meus irmãos. Foi a minha velha antropologia que me

abriu êsse novo caminho, no desejo de ser útil, única ambição veemente da minha alma brasileira. E então, julguei encontrar na ciência e na técnica os dois "anjos da guarda", que devem marcar a estrada do nosso povo".

Êsses foram os impulsos interiores que promoveram e dirigiram a carreira científica de Roquette-Pinto. Essas as fôrças morais que construíram a sua "glória sem rumor".

A vida pública do grande brasileiro entrelaçou-se de modo tão íntimo com os destinos do seu povo que nada de grande se realizou em nossa pátria, durante a sua existência, sem a sua ativa participação.

Apenas formado em medicina, incorporou-se à plêiade científica do nosso Museu Nacional, tanto fulgor lhe havendo dado os seus trabalhos de antropologista que, em breve, foi chamado a dirigir a vetusta instituição. Ainda no esplendor da mocidade atraiu-o a epopéia da missão Rondon, e com ela rumou para a Serra do Norte, ao encontro "da mais interessante população selvagem do mundo" para surpreendê-la envôlta nos mistérios da idade lítica em que jazia e trazer da sua expedição essa "Rondônia" admirável que pela primeira vez desvendou a nossa pré-história e, ao mesmo tempo, nos

anunciou as promissoras perspectivas do nosso porvir. Desta Academia que hoje o pranteia, foi êle um dos fundadores. Por sua iniciativa, criou-se a primeira Rádio Sociedade do Brasil, com o objetivo de levar a todos os lares "o conforto moral da ciência e da arte", através das "ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente, as harmonias". Planejou e fundou o Instituto Nacional de Cinema Educativo, a cuja direção se consagrou de corpo e alma, com o propósito de o tornar "vigorosa semente de progresso teórico e prático de nosso país e servir gratuitamente às escolas, às associações culturais, fábricas e estabelecimentos técnicos através de filmes de educação popular, de documentação, e de pesquisa". Fêz do ensino um apostolado e por onde lecionou surgiu, em torno da sua cátedra, um viveiro de educadores, de cientistas e de missionários. Depois de dar ao Brasil o melhor de si mesmo, na investigação dos seus problemas e na formação dos seus homens, transpôs as fronteiras da sua terra, para levar à Grã-Bretanha, à Suécia, à França, aos Estados Unidos, ao Paraguai, ao Uruguai, ao México, ora em cursos universitários, ora em congressos e conferências internacionais, a suma do seu saber e o fervor dos seus ideais.

Dêle se pode dizer o que disse a Miguel Osório de Almeida, seu dileto amigo, no primoroso discurso com que o recebeu em nossa Academia de Letras: "Fizestes o vosso nome sem ter saído do Brasil. Fostes à Europa pela primeira vez, não como aprendiz, mas como professor que aqui mesmo teve a virtude de se aperfeiçoar e impor". Foi de fato, como mestre que Roquette-Pinto participou, aos vinte e sete anos, como delegado do Brasil, do Congresso das Raças, realizado em Londres, em 1911; de mestre foram as lições que proferiu na Universidade de Assunção em 1920, com tão grande êxito que o aclamaram os paraguaios: "Embajador Extraordinario de las ideas y sentimientos del pueblo brasileño" transformando-se, pela elevação que lhe deu, a missão científica que recebera, em "verdadeira ação de homem de Estado, no sentido da nossa maior aproximação com a gente hispano-guarani", segundo o testemunho colhido por Gilberto Freyre, ao visitar, vinte anos depois, a capital paraguaia; como mestre o saudou o Congresso Internacional de Americanistas, celebrado em 1924, na Universidade de Goteborg, e foi a êsse título que tomou parte na Conferência Internacional de Biologia, reunida em Montevideu em 1930 e no

Congresso Indigenista Interamericano, realizado em Patzcuaro, em 1940. Por toda a parte onde o levou o chamado dos seus pares, exaltou a ciência que servia e a cultura que representava.

Iniciou Roquette-Pinto as suas atividades científicas em 1906, com os estudos sobre os sambaquis do litoral sul-rio-grandense. Essas jazidas paleoetnográficas constituídas de montes de conchas encontradas ao longo da costa, nos quais se acham pedras trabalhadas, ao lado de ossos de animais diversos, esqueletos humanos fossilizados, fragmentos de cerâmica, pedaços de carvão e outros muitos vestígios do homem primitivo foram objeto constante das meditações e pesquisas do grande naturalista brasileiro. O valor etnográfico desses depósitos levou-o em 1924, a solicitar ao Congresso Pan-Americano de Santiago do Chile a sua proteção internacional. Ao trabalho sobre os sambaquis, seguiu-se, no mesmo ano, a sua tese de concurso sobre o exercício da medicina entre os indígenas da América. Desde então cuidou sempre com especial desvelo em reunir dados e informações sobre a patologia das nossas tribos silvícolas, cabendo-lhe prioridade na diagnose de várias das suas enfermidades.

Esses primeiros trabalhos indicaram o rumo que conduziria Roquette-Pinto, alguns anos depois, ao planalto central de Mato Grosso. Em 1916 publicou o roteiro da sua jornada, com a colheita científica realizada nas terras da Rondônia, entre o Juruena e o Madeira. Estudou-as Roquette-Pinto em seu conjunto, como uma província antropogeográfica, definida por elementos geológicos, botânicos, zoológicos, climáticos e etnográficos originais e numerosos. As páginas do grande livro em que se transformaram as notas do viajante foram “nascendo pelas quebradas úmidas das serras, pelos caminhos marulhentos dos rios, nos areais desolados”.

Dessa intimidade com a realidade descrita provém o prodigioso vigor do relato do Naturalista. A sua autenticidade decorre do registro imediato das observações realizadas com apurada precisão e sensibilidade. Roquette-Pinto foi o primeiro a assinalar esse caráter essencial da sua obra: “Tentei tirar um *instantâneo* da situação social, antropológica e etnológica dos índios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho da alteração que nossa cultura vai processando. E’ prova fotográfica — um *clichê cru*”. A esse instantâneo imprimiu Roquette-

Pinto um valor científico tão alto que a "Rondônia" se incorporou definitivamente ao patrimônio universal.

Falta o cunho de autêntica brasilidade a quem não houver seguido passo a passo a empolgante narrativa das observações e das descobertas de Roquette-Pinto através dos rios, dos planaltos e das serras da "Rondônia", pois permanece estrangeiro ao seu povo quem lhe ignora as raízes ancestrais, as lendas e os costumes primitivos, os dialetos autóctones, os índices antropológicos, a civilização material, os ritos, a música, a estrutura social, as aptidões e tendências congênitas. Ao defrontar em suas tabas, Paracis e Nambiquaras, penetrou Roquette-Pinto nos arcanos da alma brasileira, trouxe à tona do nosso tempo milênios de nossa história, desvendou, em suas origens, as características permanentes de nossa personalidade. Aos resultados científicos da sua expedição consubstanciados nos dados antropológicos e etnográficos que reuniu, junta-se a admirável lição de fraternidade que nos legou através dos contatos que estabeleceu com os homens rudes, e por vezes agressivos, das nossas selvas.

A homenagem prestada por Roquette-Pinto à ínclita figura de Cândido Rondon, ao atri-

buir o seu nome à imensa região por êle desvendada e percorrida, uniu para sempre, na mesma glória, o imortal civilizador dos nossos sertões e o sábio ilustre chamado a estudar os seus remotos habitantes.

Nunca mais saíram da memória do intrépido naturalista as paisagens das serras que palmilhou, o marulhar dos rios que transpôs, os usos e costumes da civilização fóssil que teve a primazia de descrever, no coração do Brasil. As impressões indelêvelmente gravadas desdobraram-se pouco a pouco em perspectivas novas, inspiraram temas marginais distintos, suscitaram novos trabalhos e pesquisas.

Consagrou-se então Roquette-Pinto à sua obra de ensaísta. O naturalista errante, encerrado agora no silêncio do seu gabinete entrega-se ao labor de revolver arquivos e bibliotecas. Ora debruçado sôbre os fatos e os vultos do passado, ora voltado para os acontecimentos e os homens do seu tempo, empreende Roquette-Pinto, com enlêvo e esmêro, o inventário dos problemas científicos, históricos e políticos atinentes ao nosso meio e ao nosso povo, evoca os exemplos e as glórias dos nossos maiores e prega às novas gerações o seu evangelho de redenção pela ciência, pela arte, pela educação. Em

1927 os "Seixos Rolados" trazem a lume a primeira série dos seus Estudos Brasileiros. Seguem-se-lhes, em 1933, os "Ensaio de Antropologia", completados alguns anos mais tarde pelos "Ensaio Brasileiro". Constituem êsses três volumes preciosa antologia do pensamento brasileiro na primeira metade do nosso século.

O retrato do Brasil pintado nessa trilogia tem os contornos e os matizes de um painel realista. Não procurou jamais Roquette-Pinto encobrir as faltas ou os desvios de nossos homens e de nossa história, mas repeliu sempre, com o mesmo espírito de objetividade, tôda deformação, por pessimismo ou malevolência, de nossos feitos e de nossa raça. Ao lado das falhas que nos oprimem, assinala as virtudes que nos enaltecem. Da portentosa tela que esboça ressalta o perfil atormentado e vigoroso de um grande povo em marcha, a lutar sem tréguas contra as asperezas do meio físico e as carências do meio social, num esforço titânico para elevar-se ao nível de prosperidade e de cultura que o destino lhe reserva.

Antropologista antes de tudo, consagra Roquette-Pinto a maior parte dos seus Ensaio aos problemas do homem, no afã de melhor co-

nhecer a sua natureza e aperfeiçoar as suas condições de existência física, biológica e social. Com êsse intuito a população do Brasil é por êle estudada sob todos os seus aspectos, em seus tipos predominantes, em seus cruzamentos, em sua hereditariedade. Classifica-a em quatro grupos fundamentais: (Leucodermos, Faiodermos, Xantodermos e Melanodermos) que analisa segundo os caracteres mais aptos a defini-los: a estatura, o índice cefálico, o índice nasal, o perímetro torácico, o comprimento da face, a largura bizigomática e a espirometria. Ao considerar os efeitos da mestiçagem sôbre o tipo brasileiro assinala que o resultado dos cruzamentos é condicionado não sòmente por fatôres biológicos mas também por fatôres sociais. Cumpre em todos os casos levar em conta a ação conjugada da herança mendeliana e da seleção social. Ao têrmo de trinta anos de porfiada investigação concluiu Roquette-Pinto: "Nenhum dos tipos da população brasileira apresenta qualquer estigma de degeneração antropológica. Ao contrário. As características de todos êles são as melhores que se poderiam desejar. E acrescenta: "O número de indivíduos somaticamente deficientes em algumas regiões do país, é considerável. Isso, porém, não corre por

conta de qualquer fator de ordem racial; deriva de causas patológicas cuja remoção na maioria dos casos independe da antropologia. E' questão de política sanitária e educativa".

Aos que persistem em duvidar das qualidades eugênicas do nosso povo, adverte Roquette-Pinto: "A antropologia prova que o homem no Brasil precisa ser "educado" e não "substituído".

A ignorância e os mal-entendidos reinantes em tôrno das questões raciais levaram frequentemente Roquette-Pinto a apresentar sobre as mesmas juízos e interpretações que guardam viva atualidade. Vale citar aqui alguns dos seus luminosos conceitos:

"Diversificam-se efetivamente as raças humanas, nos atributos do corpo todo e o tipo cerebral de cada qual não permite que se as considerem no mesmo grau de semelhança. Até aí, todos estão de acôrdo. Onde, porém, a dissidência começa, e os erros se avolumam de um lado, é na seriação dos tipos; porque a verdade é que elas se diferenciam no mesmo nível. As raças são desiguais como as radiações do espectro. Do vermelho ao violeta, todos os raios ocupam o mesmo plano".

"E' inegável que há raças mais inteligentes; outras mais sentimentais e terceiras mais pertinazes. Também, no espectro, há raios caloríficos, raios luminosos e raios actínicos. Ide pedir calor aos raios ultra-violetas; e se o vos não darem chama-los-eis de inferiores? Buscáreis luz nos raios infra-vermelhos, e como êles só vos podem fornecer calor, direis: raios inferiores? E se pedísseis luz a êstes e àqueles e nenhum vo-la dessem, porque só têm calor ou força actínica, gritaríeis: inferiores?"

"Não. As raças não se podem colocar em planos de altura diferente, como as zonas do espectro não se podem adiantar ou atrasar, senão em intensidade".

Sôbre o mesmo assunto, de interêsse vital para países de intenso cruzamento como o nosso, deixou-nos ainda Roquette-Pinto um precioso ensinamento que merece ser constantemente recordado:

"E' preocupação ociosa e anticientífica pretender que o Brasil seja um dia habitado por *um tipo* antropológico. Só os que erradamente confundem *raça* e *povo* desejam para êste país aquela utópica unidade".

"As raças distinguem-se por caracteres *somáticos*; são unidades biológicas. Os povos, ao

contrário, caracterizam-se por elementos *sociológicos*. E, por isso, um mesmo povo pode ser formado de raças mui diversas, sem maior perigo para o seu futuro, desde que os fundamentos de sua sociedade (língua, forma de governo, família, história, etc.) forem mantidos no ambiente comum”.

A obra educacional de Roquette-Pinto, pelo livro, pela revista, pelo rádio, pelo cinema, merece que se lhe consagre um dia uma apreciação pormenorizada. Neste momento quero apenas rememorar a parte que tomou na criação da Associação Brasileira de Educação e o seu prestigioso ensino de ciências naturais no Museu Nacional e no Instituto de Educação. Todos os que leram o seu primoroso ensaio sobre “A História Natural dos Pequeninos” conhecem a sua admirável aptidão de pedagogo. Mas só os que tiveram o privilégio de assistir às suas preleções puderam apreciar em toda sua plenitude os seus dons excepcionais de professor. Quantos o ouviram guardam a indelével lembrança do poder sugestivo dos seus gestos e do timbre persuasivo da sua voz. Ao encanto de uma exposição sempre clara, concisa e harmoniosa juntava Roquette-Pinto o talento de um experimentador hábil e inventivo. Aos seus

alunos transmitia êle a faculdade de descobrir, aos seus discípulos, a vocação de educar. . .

A incultura da grande massa do nosso povo foi talvez a preocupação mais amarga de toda a vida de Roquette-Pinto. Em inúmeras ocasiões analisou as origens e as repercussões desse flagelo que nos dizima, nos empobrece e nos degrada. No rádio e no cinema teve a esperança de encontrar a solução que buscava para mal tão extenso e tão profundo. O seu desalento diante do nosso país agrilhado à miséria e à ignorância se reflete na sentença que formulou como um apêlo e uma advertência. “O Brasil atingiu o máximo de progresso compatível com a situação de atraso intelectual da maioria dos seus filhos. Daqui por diante só progredirá em passo razoável, de acôrdo com os seus recursos sociais e naturais se fôr possível dar ao seu povo o que lhe falta para caminhar menos lentamente; fé em seu destino, que será realmente deslumbrante. . . se êle souber arrancar da Terra o que ela dá sempre aos que *sabem*”.

No empenho de enriquecer o patrimônio cultural do Brasil com as contribuições científicas dos sábios estrangeiros fixados de modo permanente ou temporário em nosso país, apli-

cou-se Roquette-Pinto a difundir entre nós o conhecimento das suas obras. Os estudos biográficos que consagrou, com êsse propósito a C. F. Ph. Von Martius, Fritz Muller, Karl Von den Steinen, Emilie Snethlage, Charles Frederic Hartt, Max Schmidt, Orville Derby e Geofroyde Saint-Hilaire, constituem modelos de crítica histórica e científica. Os serviços por uns outros prestados ao Brasil e os conhecimentos que hauriram no estudo de nossa flora, de nossa fauna, de nosso solo e de nossa gente são descritos e aquilatados, com sólida erudição, em páginas saborosas e coloridas.

Com igual fervor retirou Roquette-Pinto do olvido eminentes figuras das ciências e das letras do Brasil, em notas e memórias contidas em seus Ensaio. A essas glórias do passado associou em seus livros, no mesmo preito de admiração e de louvor, algumas figuras ilustres de contemporâneos. Cândido Rondon, Euclides da Cunha, Vicente de Carvalho, Alberto Tôrres, Capistrano de Abreu, Miguel Couto, João Ribeiro, Henrique Morize, Tobias Moscoso, Ferdinando Laboriau, Amoroso Costa, Amadeu Amaral, Manuel Bonfim, Francisco Venâncio Filho, Álvaro e Miguel Osório de Almeida, Afonso Taunay, figuram na obra de Roquette-

Pinto como marcos do seu tempo ou mestres da sua formação, almas eleitas do seu mundo interior, irmãos de crenças, de lutas e de esperanças. As páginas que dedicou a uns e outros são o florilégio dos seus íntimos afetos, as confissões da sua admiração e do seu reconhecimento, os seus cantos de poeta . . .

Homem de ciência como poucos o foram pelo saber e pelo espírito criador, humanista versado em tôdas as antiguidades clássicas; escriptor de apurado engenho e estilo, Roquette-Pinto viverá para sempre na memória agradecida do povo que amou e serviu com devoção exemplar.

Ao recebê-lo, há vinte e seis anos em festiva reunião no seio da Academia Brasileira de Letras, predisse-lhe Aluysio de Castro a glória que o aguardava. Na homenagem que agora lhe presta, enlutada, a Academia de Ciências, as palavras esperançosas de então ressoam como o juízo da posteridade; "Bem podeis assim aparecer-nos, na suma consagração de hoje, como símbolo do Brasil Novo, da pátria onde, como nos dizeis a terra é áspera mas o homem teimoso é forte.

COLEÇÃO «ASPECTOS»

Direção de José Simeão Leal

- | | |
|--|--|
| 1 — ENSINO DE LITERATURA . . . | Afrânio Coutinho |
| 2 — CONFLITOS DE CULTURAS . . | Coelho de Sousa |
| 3 — RETRATO DE ALFONSUS DE
GUIMARAENS | Enrique de Resende |
| 4 — LINDOLFO ROCHA | Aloísio de Carvalho Filho, Múcio Leão,
Nilo Bruzzi e Afrânio Coutinho |
| 5 — O PROBLEMA DA LÍNGUA BRA-
SILEIRA | Homero Senna |
| 6 — O CONDOR SERGIPANO | Lincoln de Souza |
| 7 — O ENSINO DO JORNALISMO . . | Carlos Rizzini |
| 8 — UMA INTERPRETAÇÃO DA CRISE
PORTUGUESA | Herbert Parentes Fortes |
| 9 — O ENSINO DE PORTUGUÊS . . | Celso Cunha |
| 10 — JORNALISMO E UNIVERSIDADE . | Celso Cunha |
| 11 — ALGUNS PERSONAGENS | Eneida |
| 12 — A CULTURA BRASILEIRA E SEUS
EQUÍVOCOS | Euryalo Cannabrava |
| 13 — VOCAÇÃO DE EUCLIDES DA
CUNHA | Umberto Peregrino |
| 14 — BERNANOS E O PROBLEMA DO
ROMANCISTA CATÓLICO . . . | Raymundo Souza Dantas |
| 15 — CONVERSA COM AMERICANOS . | Saldanha Coelho |
| 16 — JORNALISMO E LITERATURA . . | Antonio Olinto |
| 17 — NOVA CONVERSA SOBRE CRAÇA
ARANHA | Rodrigo Octavio (Filho) |
| 18 — BAJO EL ALERO ASUNCENÑO . | Justo Pastor Benítez |
| 19 — JORNALISMO E EDUCAÇÃO . . | Fernando Tude de Sousa |
| 20 — BAHIA | Ivan Pedro Martins |
| 21 — A BIBLIOGRAFIA E SUA TÉCNICA | Xavier Placer |
| 22 — A LEI E O DECLÍNIO DO DI-
REITO | Nelson Carneiro |
| 23 — SOBRE A RENDA NACIONAL . . | Ivan Pedro Martins |
| 24 — ENCONTRO COM ROQUETE PINTO | Francisco de Assis Barbosa |

